

## **Cultura digital e educação midiática no ensino básico<sup>1</sup>**

Edilane Carvalho TELES<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **Resumo**

Este artigo tem com escopo refletir a inclusão e usos das tecnologias e mídias no ensino básico, do 5º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio na região Nordeste, o qual propõe identificar e compreender os impactos dos dispositivos digitais, a partir do estudo de recepção e da técnica investigativa de um questionário realizado por amostragem em instituições públicas e privadas. O objeto de análise parte do consenso dentro e fora das escolas, do uso excessivo da *internet* através dos *smartphones*, *tablets* e outros dispositivos pelas crianças e jovens; preocupação que perpassa os processos de vida, de casa à escola, provocando a insurgência nos grupos (pais e professores), sobre as alternativas para (re)pensar as formações, as quais ultrapassam o alcance dos acompanhamentos aos sujeitos, ainda sob os cuidados e tutela de seus responsáveis.

**Palavras-chave:** educação; comunicação; mídias; tecnologias; ensino básico.

### **Introdução**

A cultura digital e a educação midiática e tecnológica são temas de reflexão e de debate na contemporaneidade, urgentes às instituições escolares, que acolhem e são desafiadas pelos sujeitos que utilizam tais dispositivos e aparatos, agregando às aprendizagens mais uma demanda (entre tantas), de pensar e promover uma formação que considere os construtos e resultados da inter-relação com as transformações que ocorrem no mundo. Apesar disso, mesmo sendo uma constatação óbvia pela velocidade das apropriações com as TIC's e mídias, os discursos são múltiplos, divergindo principalmente sobre a abordagem de sua inclusão e/ou proposta, as quais, segundo as respostas encontradas nos espaços, se caracterizam como um dos aspectos a ser prioritário aos currículos e as práticas pedagógicas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT6 - Interfaces Comunicacionais, GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM – USP); Docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas, Campus III. E-mail: [edilaneledes@hotmail.com](mailto:edilaneledes@hotmail.com)

A problemática se reforça com a presença ou não de celulares nas instituições, cujos usos ficam entre a proibição e a permissão, o que caracteriza sua (in)definição nos contextos, como, por exemplo, na França que aprovou sua proibição até os 15 anos<sup>3</sup>, o projeto de lei de Goiás que aprova o uso em sala<sup>4</sup>, ou ainda, São Paulo com aprovação nas escolas estaduais<sup>5</sup>, entre outras iniciativas no Brasil e o mundo, como o projeto de lei PL 104/15<sup>6</sup> da câmara dos deputados que também destaca esta iniciativa, que completa alguns anos, sem, contudo, aprovação final. Assim, não há um consenso sobre os modos de diálogo com as forças que veem como contrapartida destes dispositivos às vidas dos sujeitos, que chegam às escolas exigindo um posicionamento diante das elaborações conceituais, cognitivas, culturais e sociais que promovem.

Este estudo tem como escopo colaborar com as discussões dos processos formativos, uma vez que há a ‘transferência’, por assim dizer, desta preocupação, como muitos definem, entre famílias e escolas. Desta forma, não trata-se simplesmente de permissão ou liberação dos usos, mas *por que e como* fazê-lo. As crianças e os jovens de hoje nasceram imbricados com as mídias e tecnologias, interagindo em todos os espaços, dentro ou fora de casa, entretanto, estas interações têm implicações psíquicas, de interpretação e construção de “novos/outros” modo de ver, compreender e agir (BABIN, 1989). Os quais (VIGOTSKI; 2007), são elementos e artefactos da cultura, aspecto que fundamenta e entra nas elaborações cognitivas, sócio-afetivas e culturais, cujo processo histórico está em curso, portanto, não existem respostas e/ou propostas definitivas, tampouco existirão.

Assim, entre a liberação ou não dos dispositivos móveis e digitais conectados à *internet*, para fazer “pesquisas” e outras ações (se livres ou direcionadas), envolve decisões diversas, que tendenciam às proposições não consensuais dentro da formação,

---

<sup>3</sup> <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/07/31/parlamento-frances-aprova-proibicao-dos-celulares-em-escolas-na-franca.ghtml> In: 12/05/2019

<sup>4</sup> <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/projeto-de-lei-quer-permitir-que-alunos-usem-celular-dentro-da-sala-de-aulas-escolas-estaduais-de-goias.ghtml> In: 12/05/2019

<sup>5</sup> <https://www.educacao.sp.gov.br/noticias/aprovada-lei-que-libera-o-uso-do-celular-em-escolas-estaduais-de-sp/> In: 12/05/2019

<sup>6</sup> <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=945492> In: 12/05/2019

o que tem se constituído um grande desafio ainda a ser compreendido, exigindo atenção nas definições e proposições didático-pedagógicas de inclusão nas propostas.

As questões apresentadas a seguir, são fragmentos da pesquisa realizada pelo MECOM<sup>7</sup> (Mediações Educomunicativas) em escolas públicas municipais, estaduais e federais<sup>8</sup>, com alguns registros em instituições privadas, sobre o uso das tecnologias e mídias na educação básica<sup>9</sup>, sendo estas, uma parte da coleta dos dados, realizada a nível nacional, com recorte direcionado às repostas da região Nordeste, como referência dos argumentos aqui destacados.

### **Presente conectado: realização do questionário**

O que a priori, teria um impacto apenas social e cultural, hoje aproxima-se muito às questões cognitivas e sócio-emocionais dentro e fora das instituições, como sinalizam os sujeitos entrevistados. Existe um imbricamento com os dispositivos móveis, preferivelmente com a *internet*, “muito desejada” também dentro do espaço escolar, deixando em segundo plano, tudo aquilo que foge deste formato. Como afirma Livingstone,

Todas as dimensões da vida social, política, econômica e cultural são, até certo ponto, mediadas pela internet. Essa mediação se tornou difusa e cada um de nós é condicionado por redes digitais e fluxos de comunicação que viajam on-line, mesmo sem fazer uso direto deles.<sup>10</sup> (2010, p. 221, tradução nossa)

As repostas dos colaboradores possuem informações relevantes à comunidade, apresentando no encontro com os estudos de recepção (IDEM, 2010), a possibilidade de

---

<sup>7</sup> MECOM. Mediações educomunicativas. Grupo de pesquisa apoiado pelo CNPq e baseado no Departamento de Comunicações e Artes/ECA/USP/PPGCOM, sob coordenação do prof. Dr. Adilson Citelli. Pesquisadores associados: Dra. Ana Luisa Zaniboni Gomes, Dra. Eliana Nagamini, Dra. Elisangela Rodrigues da Costa, Dra. Helena Corazza, Dra. Maria do Carmo Souza de Almeida, Dr. Rogério Pelizzari de Andrade, Dra. Sandra Pereira Falcão, MS. Suéller Costa; Doutorandos: Ms. Douglas Calixto, Ms. Edilane Carvalho Teles, Ms. Gláucia Silva Bierwagen, Ms. Michel Carvalho da Silva; Mestrandos: Roberta Takahashi Soledade e Wellington Nardes; Iniciação científica: Rafaela Treib Ta borda.

<sup>8</sup> Da região nordeste do Brasil, com centralidade maior nas cidades de Juazeiro e Petrolina.

<sup>9</sup> Fragmento da pesquisa realizada nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Bahia, Pernambuco e Pará. As inter-Relações comunicação e educação no contexto do ensino básico.

<sup>10</sup> Tutte le dimensioni della vita sociale, politica, economica e culturale sono oggi, in qualche misura, mediate da internet. Questa mediazione è diventata pervasiva, e ciascuno di noi è condizionato dalle reti digitali e dai flussi di comunicazione che viaggiano online, anche senza farne direttamente uso.

avanços para o campo. Outro aspecto importante está relacionado aos sujeitos que propõem e ao mesmo tempo demandam respostas, interpretações e compreensões sobre o fenômeno, pois se para as escolas onde o celular e a *internet wi-fi* são proibidos, este aspecto se configura como algo a menos a ser pensado, para aquelas que optam por incluí-los além de outras TIC's e mídias, ampliam e muito, a complexidade das relações dentro do espaço, principalmente pela abertura não discutida e sistematizada dos usos que incluem as redes sociais, tornando-se maior que a proposta de projeto que gostariam de implementar. Como afirma Livingstone (2010, p. 84, tradução nossa),

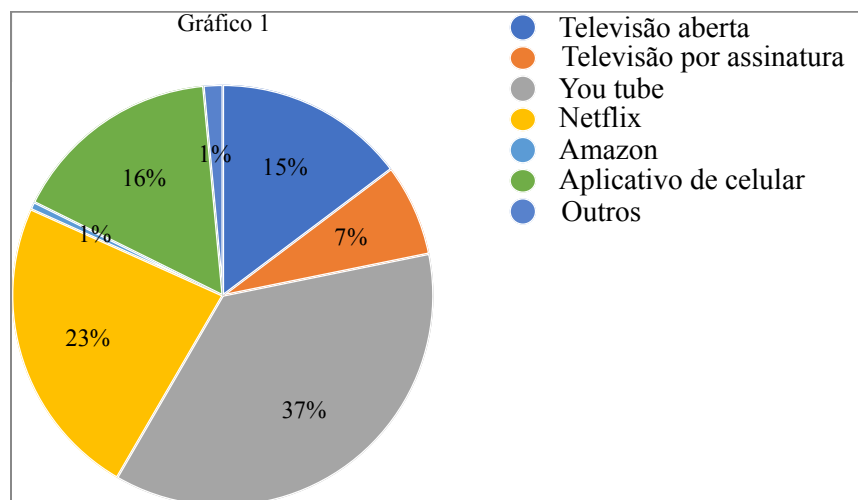
Entre as grandes esperanças de progresso social e a banalidade do e-mail, videogames e navegação na web, há dois passos intermediários: o primeiro é o dos recursos on-line, ou seja, de conteúdos e serviços que realmente abrem novas oportunidades, enquanto o segundo é o dos desejos e motivações que levam os mais jovens a confrontar esses recursos, as habilidades críticas com que os interpretam. Enquanto os últimos são frequentemente enfatizados pelo discurso público, os primeiros escapam facilmente a um olhar atento e analítico.<sup>11</sup>

Os questionários<sup>12</sup> foram disponibilizados no período de setembro de 2018 a fevereiro de 2019, em formato digital e impresso, o que possibilitou um número maior de respostas. Os estados com maior quantitativo foram a Bahia e Pernambuco, pela localização do responsável na região. Outras solicitações foram feitas *on-line*, aparecendo algumas respostas do Ceará, Maranhão e Rio grande do Norte, totalizando 828 preenchidos, por estudantes de 10 a 20 anos, dos quais, 734 do Ensino Fundamental, 81 do ensino médio e 11 deixaram o campo de identificação em branco. O argumento escolhido para a presente sistematização está diretamente relacionado a um convite da comunidade acadêmica junto à sociedade para (re)repensar os processos que promovem a interface do campo educacional com o comunicacional, de diálogo com as realidades, nas quais as crianças e os jovens estão implicados em contextos fortemente

---

<sup>11</sup> Tra le grandi speranze di progresso sociale e la banalità della posta elettronica, dei videogame e della navigazione in rete, si collocano due passaggi intermedi: il primo è quello delle risorse online, cioè di contenuti e servizi che aprano realmente nuove opportunità, mentre il secondo è quello dei desideri e delle motivazioni che spingono i più giovani a confrontarsi con queste risorse, delle capacità critiche con cui le interpretano. Mentre queste ultime sono spesso enfatizzate dai discorsi pubblici, le prime sfuggono facilmente a uno sguardo attento e analitico.

<sup>12</sup> Com 40 questões,.



marcados pelas tecnologias, em especial, aquelas que utilizam a *internet*, como é comum ouvir nos espaços que frequentam: “*qual a senha do wi-fi?*”.

A coleta dos dados foi organizada nas seguintes etapas: (a) convite e apresentação da proposta de pesquisa às instituições, profissionais e estudantes da região, *on-line* e presencialmente; (b) solicitação e difusão da demanda através das mídias sociais e canais de diálogo com secretarias de educação, assim, como algumas escolas; (c) realização dos questionários nos espaços possíveis; (d) tabulação dos dados; (e) análise e construção da interpretação e argumentação; (d) socialização às instâncias educacionais que permitiram a realização do questionário, como uma primeira devolutiva da ação.

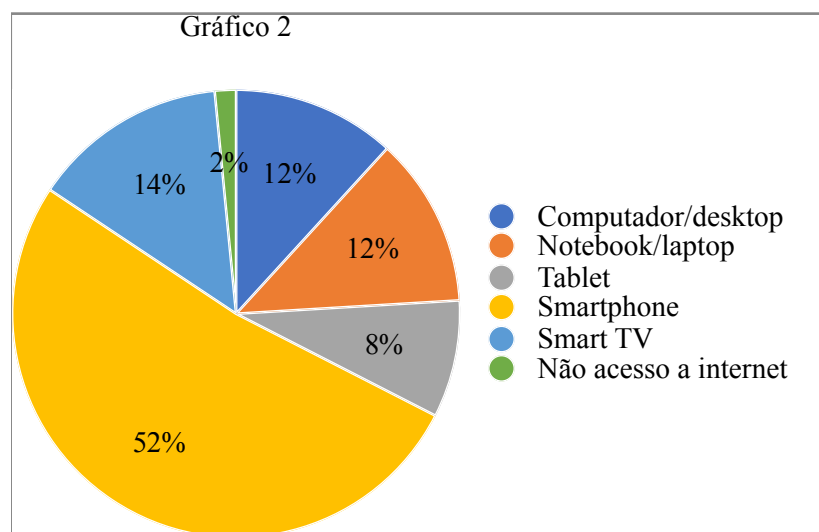
Para a presente sistematização foram escolhidas 7 questões: (1) a primeira referente aos meios de comunicação que mais utilizam para ver os programas favoritos; (2) como costumam acessar a internet; (3) quantas horas ao dia utilizam; (4) o que acessam na internet; (5) se compartilha conteúdos, como fotos, *memes*, músicas, etc, durante as aulas; (6) se nas escolas existem regras de uso do celular; e, (7) uma ação que mais dedica seu tempo.

### O Diário de campo e a análise dos dados

Quanto aos meios de comunicação mais utilizados, foram dadas 7 opções, podendo assinalar mais de uma, são elas: televisão aberta, televisão por assinatura, *you*

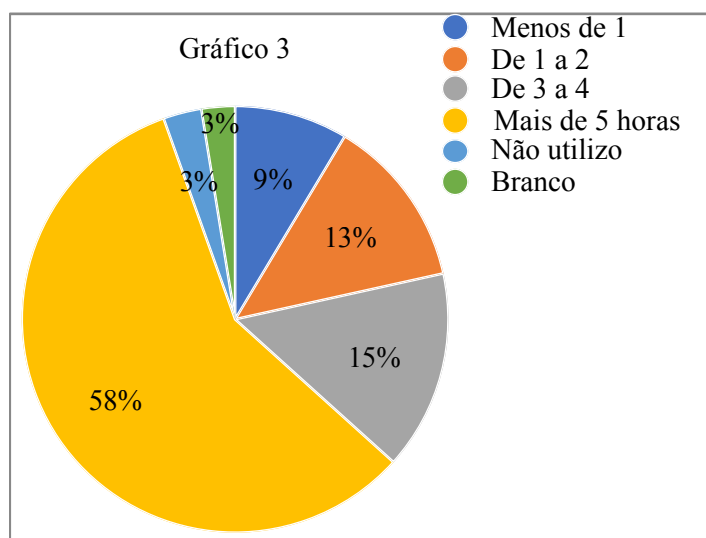
*tube*, *Amazon*, Aplicativo de celular e outros. Como o gráfico (1) abaixo demonstra, a maioria opta como meio, o *you tube*, seguido da *Netflix*. Existe uma preferência consensual da maioria por meios disponíveis em rede, com escolhas livres de vídeos e/ou filmes, cuja interação parece está direcionada à possibilidade *on demand*, verso os próprios interesses.

O acesso à internet é feito em sua maioria pelo *smartphone*, em seguida de outros dispositivos (Gráfico 2). Para esta pergunta foram oferecidas 6 possibilidades a serem escolhidas: Computador/*desktop*, *Notebook/Laptop*, *Tablet*, *Smartphone*, *Smart TV* e Não acesso à internet. O percentual expõe claramente que o fenômeno de navegação, alcança mais da metade dos colaboradores com 52%.



Outro dado marcante foi sobre o tempo de acesso (Gráfico 3), mais de 58% (478 respostas) responderam que utilizam mais de 5 horas por dia, o que intensifica e reafirma o que muitos estudos têm apresentado sobre as crianças e jovens estarem hoje, cada vez mais conectados (LIVINGSTONE, 2010; BUCKINGHAM, 2014). As opções dadas para saber a quantidade de tempo foram: menos de 1 hora (71 respostas), de 1 a 2 (107), de 3 a 4 (125), mais de 5 horas (478), 24 não utilizam e 21 deixaram a questão em branco. Sobre a Internet, Buckingham (IDEM, p.51, tradução nossa), afirma que [...]

produz novos estilos de aprendizagem mais lúdicas e criativas.<sup>13</sup> A questão posta diante da quantidade de horas diante da rede, deixa, entretanto, em aberto sobre quais aprendizagens e perspectivas, se de uso das informações e/ou tratamento crítico e científicos dos dados. Vale salientar que os estudante estão apenas apresentando o quanto tais dispositivos fazem parte de suas vidas.



Sobre o que mais acessam na internet, foram propostas 9 opções: (a) Redes sociais (*Facebook, Instagram, Twitter* e outras) com 519 (19%); (b) Vídeos (*you tube, Netflix, Vimeo* e outros) com 573 (21%); (c) Jogos com 432 (16%); (d) Música com 499 (18%); (e) Conteúdos de pesquisa (*Google, Bing, etc*) com 317 (12%); (f) Ler (e-books, sites com livros, notícias) com 96 (4%); (g) *E-mails* com 105 (aproximadamente 4%); (h) Conteúdos para compartilhar com 130 (5%); (i) Em Branco, 36 (1%) que não responderam. Os vídeos, o que não é surpresa, foram escolhidos por mais da metade, seguidos pelas redes sociais.

A questão sobre se compartilham conteúdos (fotos, *memes*, músicas, etc), com os amigos durante a aula, 498 (61%) responderam que nunca, 185 (22%) às vezes, 55 (7%) muitas vezes, 62 (8%) sempre e 23 (3%) não responderam. Considerando que maioria das escolas como responderam, existem regras de uso do celular ou não é

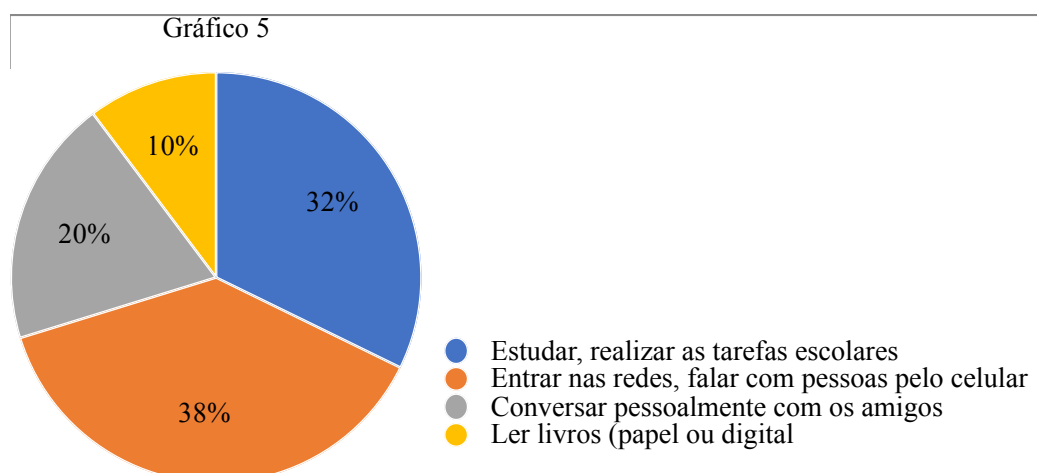
<sup>13</sup> [...] produce nuovi stili di apprendimento più giocosi e creativi.

permitido. De fato, a maioria que afirma não compartilharem nunca na aula pode ser



resultado da regra e/ou política das escolas de não permissão (Gráfico 4).

A última questão analisada neste estudo se refere às escolhas e tempos de dedicação às seguintes atividades (Gráfico 5): (a) Estudar, realizar as tarefas escolares; (b) Entrar nas redes, falar com pessoas pelo celular; (c) Conversar pessoalmente com os amigos; (d) Ler livros (papel ou digital). Como é notadamente socializado por inúmeros estudos, os tempos dos sujeitos estão cada vez mais direcionados às redes, à tela *touch screen*. As respostas estão mais inclinadas para a opção (a), com 352 e opção (b), com 415. A terceira com 213 e a última com 112.



Como visto, entrar na rede supera o tempo dos estudos, assim, questiona-se: o uso da internet com mais tempo que o de realização das tarefas escolares, promove alguma possibilidade de mudança nos processos de aprendizagem, nas formas de



interação e pensamentos? Provavelmente sim, mas este estudo ainda não nos forneceu todas repostas. Durante a realização dos questionários impressos, as observações e o cruzamento com as respostas de crianças e jovens que usam menos as redes e afirmam realizar e/ou participar de outras oportunidades educativas, como música, práticas de esportes, conversa e saídas com os amigos, demonstraram um cuidado maior em responder, apresentando outras ações mais diversificadas do que somente citar, como fizeram as que interagem muito tempo através da tela.

A pesquisa é um estudo de recepção de caráter descritivo, o qual parte das observações realizadas nas etapas. Sobre a qual foi possível afirmar que a temática é muito importante, como também ausente na maioria das escolas colaboradoras, assim como em outras realidades. A seguir, algumas reflexões do diário de campo:

- Solicitar a permissão às escolas é o passo mais difícil, assim como a escolha dos espaços, geralmente relacionados aos círculos de participação, incluindo os núcleos de tecnologias, escolas municipais, estaduais e institutos federais;
- Existem uma grande resistência dos colaboradores docentes, a justificativa mais presente é a ausência de devolutivas de pesquisadores, ou seja, esperam ver resultados efetivos que ajudem nas próprias práticas. Apesar disso, permitiram o mergulho nas problemáticas da educação e realização dos questionários, sobre os quais, é preciso ter o compromisso e a responsabilidade de retorno para apresentar um mapeamento e, como uma das escolas acenaram, da contribuição com as problemáticas, fortalecendo a parceria entre educação básica e universidade;
- Diante do grande número de escolas e estudantes, a pesquisa foi feita por amostragem; com distribuição para classes do 5º ano ao 9º ano do ensino fundamental e o ensino médio nos Institutos Federais (Bahia e Pernambuco), outras repostas de outros estados e/ou cidades foram realizadas *on-line*;
- As problemáticas, assim como os dados e as reflexões que compõem o diário, não se resumem às questões respondidas, uma vez que foram consideradas desde a entrada nos espaços, assim como as questões elucidadas, que emergem da inserção e

interação com os dados, aspecto importante para pensar o campo de conhecimento e atuação profissional do docente e as perspectivas de formação para os discentes;

O diário foi construído a partir das impressões e entendimentos do grupo que realizou o questionário impresso, no qual consta das (1) observações sobre a experiência nos espaços de realização da pesquisa, da possibilidade de ampliação das (2) percepções e sentimentos sobre a participação no estudo e etapas realizadas e, as (3) aprendizagens e conhecimentos construídos.

### **A educação midiática e tecnológica nos currículos**

A escolha pela região, se justifica pelos questionamentos provocados pelos sujeitos, os quais como registrado, afirmam sentir a ausência das universidades com proposições sobre as possibilidades formativas, como sugere a proposta de investigação, pois as problemáticas, principalmente com relação aos usos do celular, assim como, as interações que este promove, como jogos eletrônicos, redes sociais, '*distrações*', como destacam, entre outros, como a grande difusão de *memes*, *cyberbullying* e a criação de *fake news* desafiam as relações nas escolas e entre os pares.

Serres (2013) na obra *Polegarzinha*, ao buscar o “quase oráculo” que estes dispositivos têm se tornado, cuja janela ultrapassa o mundo dos conhecimentos e das informações em rede, destaca que é preciso compreender este contexto de provocações, que não são apenas dos aparatos, mas principalmente os entendimentos e as relações construídas. Destaca (IDEM, 2013) um “*novo jovem*” contemporâneo, digital e tecnológico, sempre conectado ao virtual, que acessa “os mundos” através das telas *touch screen* com os polegares (daí o nome *polegarzinha/o*), nos desafiando a fazer reflexões dos percursos históricos, como um relato destas temporalidades, dos fatos e eventos que ocorreram/ocorrem, destacando três categorias principais: (1) a primeira é sobre o sujeito, a (2) segunda, a escola e a (3) terceira, a sociedade.

A primeira, é a da realidade e as circunstâncias que o “*novo jovem*”, “*cosmopolita*”, de forma muito ampliada (mesmo nos lugares mais longínquos), está conectado. E o mesmo ocorre nas diversas regiões do Brasil, desafiando a compreensão

e necessidade de mapear e relacionar as práticas formativas com as TIC's e mídias. Claramente, crianças, jovens, adultos e idosos não habitam o mesmo tempo e espaço, são gerações diversas, por isso, a necessidade de estudos com/sobre os sujeitos a quem pretende formar/ensinar, para refletir sobre a segunda, que é o papel da escola numa perspectiva mais ampla, o da educação num contexto de transformações. A terceira, analisa as relações com os círculos sociais, onde estão presentes os discursos, mesmo aqueles silenciados, pode-se acrescentar, que encontram nas redes, um lugar de sonoridade da pluralidade das identidades (IBIDEM, 2013). Entretanto, é preciso acrescentar os “riscos” das opiniões sem fundamentos e argumentações que deveriam estar pautados na coerência e exigência de viver na diversidade, cujos fragmentos e polarizações fragilizam as relações humanas, as diferenças de pensamentos, o respeito aos outros, o cuidado verso si mesmo e principalmente às diferenças (necessárias) que habitam à nossa volta. É preciso (re)pensar o humano e o mundo.

Assim, a perspectiva da educação midiática possui como abertura, a promoção de reflexões sobre os dias de hoje, como uma provocação para refletir as “inovações” tecnológicas em contraponto com outras, essenciais à vida além das telas. É uma oportunidade para ampliação das compreensões sobre as atitudes, como se os sujeitos fossem “meros” seguidores da Sociedade do Espetáculo (DEBORD, 2002), e não houvesse nada a ser feito. Entretanto,

A luta da tradição e da inovação, que é o princípio do desenvolvimento interno da cultura das sociedades históricas, só pode ser buscada através da vitória permanente da inovação. No entanto, a inovação na cultura não é trazida por outra coisa senão o movimento histórico total que, tomando consciência de sua própria totalidade, tende a superar seus próprios pressupostos culturais e vai em direção à supressão de toda separação. (IDEM, 2002, p. 140, tradução nossa)<sup>14</sup>

A partir do diário de campo, as análises emergem sobre os questionamentos à interface dos campos com as seguintes considerações: (a) estudo e práxis de “outras

---

<sup>14</sup> La lotta della tradizione e dell'innovazione, che è il principio di sviluppo interno della cultura delle società storiche, non può essere perseguita che attraverso la vittoria permanente dell'innovazione. L'innovazione nella cultura tuttavia non è portata da nient'altro che dal movimento storico totale che, prendendo coscienza della propria totalità, tende al superamento dei propri presupposti culturali, e va verso la soppressione di ogni separazione.

proposições” teórico-metodológicas que respeitem e sejam coerentes com as realidades dos sujeitos; (b) investigação e compreensão dos *destempos* entre contextos formativos, sociais e culturais; (c) busca pelo estreitamento do distanciamento entre docentes e discentes, os quais estão em “temporalidades e espaços” diversos; (d) compreensão do processo formativo na contemporaneidade, entre experiências, conhecimentos e informações (LARROSA, 2014); (e) necessidade de maior compreensão da “evolução histórica” e a relação com o papel docente; (f) compreensão dos processos que são sufocados diante da aceleração das informações, levantando a dúvida, como Serres (2013) questiona: seria o fim da era saber? Nesse contexto,

[...] a própria aceleração técnica é uma consequência de pressupostos culturais, econômicos e socioestruturais, e o fato de ela influenciar massivamente formas de subjetividade e coletividade não significa que as determine. Transformações da percepção e da conceitualização do espaço e do tempo, assim como inovações tecnológicas relacionadas à forma de locomoção e de comunicação nesses dois planos, se influenciam e se condicionam mutuamente. (ROSA, 2019, p. 190)

As respostas levam à compreensão de que as TIC's e mídias exigem da escola e da sociedade saírem do lugar de “guardiões” de um campo que precisa interagir mais com os meios comunicacionais, de que é preciso ultrapassar os formatos espaciais e temporais que conhecem, aspectos a serem incluídos e investigados no campo educacional, o qual ainda se apresenta como distante das ofertas e demandas midiáticas e tecnológicas, externos aos muros que erigiu. Ao que parece, “Não habitamos mais o mesmo tempo, eles vivem outra história.” (SERRES, 2013, p. 17)

Serres (IDEM, 2013) afirma que “*a sala de antigamente morreu*”, e, nas escolas que frequentamos, isso é quase uma realidade, pois os sujeitos são outros e a desordem encontrada coloca em dúvida o referencial de classificação das “coisas”, da verdade construída no cotidiano das criações e dos percursos didático-pedagógicos para atendimentos dos currículos. Assim, a desordem gera um outra ordem e/ou desordem, nos colocando em um terreno de incertezas (MORIN, 2002), da necessidade de

compreender minimamente, para assim *arejar* e possibilitar outras invenções nas formações. Como é possível vislumbrar o futuro do campo educacional implicado com as tecnologias e mídias digitais, entre o mercado, o obsoleto, as abstrações, os fetiches? Qual o lugar, tempo e espaço que habitam e agem? O campo precisa responder. Entretanto, tal possibilidade se encontra na interface com os outros campos, o que amplia a complexidade de entendimento do próprio percurso e atuação que constrói.

Os questionários deixaram em aberto outras questões, além das apresentadas, pois existem “novos lugares”, tempos-espacos onde habitam a Polegarzinha! Afinal, o que é mais relevante do ponto de vista educacional para as crianças e os jovens de hoje? Para sabermos: “*deixe-os falar!*” Pois, não é suficiente questionar as gerações e a “era da revolução tecnológica”, é preciso convidar a todos, a participar deste processo de descoberta e sobre quais caminhos trilhar.

### **Considerações Finais**

A priori, é importante destacar as surpresas que os encontros com os estudantes nas salas de aula promoveram, reafirmando claramente à práxis docente, de que é preciso “parar” diante da velocidade dos processos para pensar a problemática, a qual se configura como uma oportunidade contínua de aprendizagens, cujo momento, promove através da escuta das crianças e jovens, a possibilidade de entendimentos dentro de um sentido de coerência formativa, de construção de conhecimentos com os outros, em um percurso efêmero de transformações. Assim, realizar os questionários foi um processo de troca de informações com os discentes e docentes, mais os primeiros que os segundos, pois em sua grande maioria não refutaram responder e dizer o que pensam da escola e educação, são sinceros e diretos, e, este texto se propõe como um dos resultados destes momentos, como uma das respostas à comunidade.

A educação midiática e tecnológica está aqui sendo proposta como uma necessidade formativa e não como uma disciplina isolada, como possibilidade que poderia ter para a formação, quando incluída. Entretanto, as muitas tentativas de

orientação sobre as TICs e mídias nas escolas têm demonstrado que são muitas e variadas, todas válidas, sobre as quais é preciso pensar a partir da inter-relação entre os campos Educação e comunicação (Educomunicação/EDUCOM), como esclarecimento do *telos* de referência que os projetos propõem.

Escrever propostas à educação e escolas não é uma tarefa fácil, pois tem-se construído elaborados discursos, que apontam muitas respostas e/ou afirmações de como deveriam ser, entretanto, é preciso conhecer o ensino básico, o qual encontra-se nas problemáticas a serem (re)pensadas continuamente. O diário de campo com as observações, impressões e aprendizagens, foi uma excelente oportunidade de inserção na realidade escolar, como um “*convite urgente*” de que é preciso trabalhar em parceria. Algumas considerações:

- A inserção no contexto “real” da escola, com limites, gritos, correria, crianças e jovens de muitas idades e “alegrias”, pois é assim que se apresentam, como sujeitos que nos lembram suas identidades e temporalidades;
- Em muitos dos espaços, ao mesmo tempo que encontra-se aspectos que possibilitam despertar a memória, emergem outras questões que veem à tona por sua complexidade e inquietações difíceis de serem aceitas e redimensionadas, como a violência, o abandono da educação pública, escolas que não parecem lugares para aprender;
- Entrar nas escolas é um mergulho nas realidades que revestem e dão forma à educação básica, muito necessário a todos os profissionais que atuam no campo;
- Os professores pouco querem responder, são ocupados demais, muitos não acreditam, outros se sentem vigiados ou não levam em consideração, desconhecendo a relevância da pesquisa, talvez um dos motivos seja a falta de respostas mais efetivas quando as investigações acontecem, como alguns afirmaram.

Por fim, é preciso retornar não apenas com os resultados da pesquisa, mas com propostas reais de percursos didático-pedagógicos na perspectiva da EDUCOM, incluindo a possibilidade de uma educação midiática e tecnológica, a priori pontualmente e, em seguida em maior escala, para que gradativamente o ensino deixe

de ser apenas lousa, discurso, giz e caderno. Dialogando mais com as realidades das crianças e jovens.

### Referências

BABIN, Pierre e KOULOUMDJIAN, Marie-France. **Os novos modos de compreender**. A geração do audiovisual e do computador. Sao Paulo: Edições Paulinas, 1989.

BUCKINGHAM, David. **Media Literacy per crescere nella cultura digitale**. Roma, Italia: Armando Editore, 2014. (Il Menocchio e-book)

DEBORD, Guy. **La Società dello spettacolo**. Milano, Italia: Massari Editore, 2002.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LIVINGSTONE, Sonia. **Ragazzi online**. Crescere con internet nella società digitale. Milano, Italia: Vita e Pensiero, 2010.

MORIN, Edgard. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. 5. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VIGOSTSKI, L. S. **A formação Social da mente**. 7a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.